

**Culto ao corpo status social:** do corpo político ao corpo vendido.

**A. B. MORAIS<sup>1</sup>; F. A. FERREIRA <sup>1</sup>; J. P. ALVES<sup>1</sup>; R. M. CABRAL <sup>1</sup>; V. B. SANTANA <sup>1</sup>; D. M. SCOSS <sup>2</sup>**

<sup>1</sup>Acadêmico do curso de Bacharelado em Educação Física, Área da Saúde - Centro Universitário Ítalo-Brasileiro – UniÍtalo – São Paulo – SP - Brasil.

<sup>2</sup>Mestre em Ciências da Comunicação (ECAUSP). Especialista em Gestão de Processos Comunicacionais pela Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (ECAUSP). Graduada em Educação Física pela Escola de Educação Física e Esportes da Universidade de São Paulo (EEFEUSP), Docente do curso de Educação Física, Área da Saúde do Centro Universitário Ítalo-Brasileiro – UniÍtalo – São Paulo – SP - Brasil.

E-mail: daniela.scoss@uniitalo.it

#### **COMO CITAR O ARTIGO:**

MORAIS, A. B. et al. **Culto ao corpo status social:** do corpo político ao corpo vendido. **UniÍtalo em Pesquisa**, URL: [www. Ítalo.com.br/portal/cepesq/revista eletrônica.html](http://www.Ítalo.com.br/portal/cepesq/revista_eletrônica.html). São Paulo SP, v.6, n.1, p. 62-83, jan/2016.

## RESUMO

Atualmente o corpo vem sendo alvo de estudo de diversas áreas, dentre elas a educação física. Apoiado em uma revisão de literatura este artigo teve como objetivo abordar o tema corpo em uma análise crítica histórico e política por vezes se mostra bem complexo. O estudo além de compreender a significação do corpo é abrir caminhos para que mais pesquisas possam ser realizadas no campo da educação física, de maneira filosófica. Levando-se em consideração o conceito de culto ao corpo, com início no século XVII a diretriz posta em questão foi a análise dos mecanismos sociais impostos que apresentam a concepção visando retirar a subjetividade exposta nos corpos, e, também a sociedade disciplinar. O papel da mídia é evidenciado neste contexto, apresentando grande influência nos dias atuais perante a sociedade, formando um estereótipo de corpos, retirando a subjetividade do indivíduo fomentando assim a eterna batalha que o corpo sofre para ser aceito socialmente. Nesta perspectiva crítica, política e histórica o corpo não tem autonomia.

**Palavras-chave:** corpo, mídia, subjetividade, biopolítica e disciplina.

## ABSTRACT

Currently the body has been the subject of study of several areas, including physical education. Based on a review of literature this article aimed to address the topic body in a critical analysis and policy history sometimes shows complex. The study in addition to understand the meaning of the body is open paths for which more research may be carried out in the field of physical education, philosophical way. Taking into consideration the concept of cult of the body, starting in the 17th century the guideline questioned was the analysis of the social mechanisms that present the design in order to remove the subjectivity exposed in bodies, and also the disciplinary society. The role of the media is evidenced in this context, showing great influence on present day towards society, forming a stereotype of bodies, removing the subjectivity of the individual by promoting as well the eternal battle that the body suffers to be accepted socially. This critical perspective, politics and history the body has no autonomy.

**Key words:** body, media, subjectivity, biopolitics and discipline

# 1 INTRODUÇÃO

O corpo assume atualmente grande representação sendo alvo de investigação de várias áreas como psicologia, artes, pedagogia e educação física (GARRINI, 2007).

Visando apresentar uma revisão da literatura pertinente, as principais bases de dados, consultadas, fontes de pesquisa deste trabalho foram o Google Acadêmico, o Scielo, livros, e artigos científicos especializados no tema em questão.

Ao abordar o tema corpo em uma análise crítica histórico e política por vezes se mostra bem complexo. O objetivo desse estudo além de compreender a significação do corpo é abrir caminhos para que mais pesquisas possam ser realizadas no campo da educação física, de maneira filosófica.

Foucault (1999), após um período marcado pela mutilação de corpos em praças públicas, passou a desenvolver um sistema de controle de corpos chamado disciplina. Um aspecto fundamental para a consolidação da disciplina foi a sua implantação dentro das instituições disciplinares.

Rebello (2011) assinala para o fato de com o êxito das instituições disciplinares a realeza decide elevar seu domínio, dando característica de governo, pois segundo Benelli (2004), as instituições funcionam como local de residência, trabalho, lazer e espaço de alguma atividade específica, que pode ser terapêutica, correccional, educativa etc. Normalmente há uma equipe dirigente que exerce o gerenciamento administrativo da vida ou permanência na instituição.

Esse movimento com vínculo governamental e político recebe o nome de biopolítica, uma ditadura que deslumbra o poder da vida, Unifal em Pesquisa, São Paulo SP, v.6, n.1 janeiro 2016

devido uma fragilidade do sistema, concebe-se o pensamento voltado para saúde, a partir desse marco ocorre o desenvolvimento do culto ao corpo (ORTEGA, 2013).

Este culto contemporâneo ao corpo, que se intensifica no final do século XX, passa não apenas pelas academias, mas também pelas dietas e regimes alimentares, por um disciplinamento dos hábitos diários de saúde, e ainda pelos consultórios médicos e salas de cirurgia (PRADO; TRISOTTO, 2008).

A grande marca do culto ao corpo seria a relação de corpo e mídia. Sendo a mídia disseminadora desse corpo social desse estereótipo, a população a aderir o que é estipulado, a procura de aceitação social, sem haver escolhas (IRIART et al, 2009).

A mídia tem uma grande parcela de responsabilidade nessa distorção dos conceitos de “corpo belo” e “corpo não belo”, afinal está aí para quem quiser ver e ouvir programas de televisão que mostram homens e mulheres com seus corpos perfeitos e músculos a mostra (POSTALI et al, 2008).

Baseados nas análises de Foucault (1999), as instituições disciplinares continuam presentes na modernidade, ainda sobre o mesmo alicerce teórico se tem consideração importantes a serem feitas como a função das instituições disciplinares que representam mecanismos sociais que por sua vez desconstruem toda subjetividade individual e estipulam um padrão corporal, subjetivo a seguir.

Com os mecanismos sociais são desenvolvidas subjetividades características de um grupo ou de um padrão normativo e ao se reproduzir um padrão físico em suas propagandas a mídia estipula uma imagem corporal retirando a subjetividade e restringindo escolhas com isso passando a ser questionável o corpo socialmente aceito.

## 2 INSTITUIÇÕES DISCIPLINARES

O contexto abordado nesse estudo se dá por volta do século XVII, na Europa medieval, precisamente na França, esse período foi marcado pelo desenvolvimento das instituições disciplinares, uma nova visão sobre o corpo, uma nova forma de controle (FOCAULT1999).

Segundo Foucault (1999), a sociedade era regida por uma realeza havia toda uma maneira de viver, para manter a ordem era realizados espetáculos de punições públicas com pessoas que não eram controladas, pois representavam uma resistência, que seriam os estudantes, loucos e criminosos.

O poder tinha sua representação máxima com o rei e tudo que era imposto deveria ser acatado então via se sua legitimidade em garantir seu domínio mediante os corpos que não seguiam suas ordens.

O espetáculo visa estabelecer a ordem através de uma demonstração maciça onde o poder se torna totalmente visível. Já o corpo do acusado, a não ser por sua exibição pública, é um instrumento de reparo ao corpo lesado do Rei. Ele cumpre essa função e, se não é morto, novamente retorna para a penumbra dos calabouços onde é esquecido (REBELLO, 2011).

Essa resistência tinha como principal reivindicação dentre outras os questionamentos das punições públicas, pois alegavam corrigir um crime com outro, então a realeza tirar o foco das punições do sofrimento físico e direciona o para afetar os direitos, deixando-os enclausurados (BENELLI, 2004).

A grande reivindicação era encontrada na mutilação desnecessária direcionado a corpos de indivíduos que não seguiam padrões estipulados socialmente pela realeza.

“Mas de modo geral, as práticas punitivas tornam-se pudicas. Não tocar mais no corpo, ou o mínimo possível, e para atingir nele algo que não é o corpo propriamente” (FOCAULT, 1999, p. 15).

Um olhar onde se expressa a punição para punir as pessoas que não seguiam o padrão, ao se ter um saber expandir o controle sobre o corpo sem puni-los fisicamente.

Nesse momento houve um consenso de que as punições não funcionam mais como parâmetros punitivos, como maneira de controle ficou evidenciada nas prisões.

Segundo Rebello (2011), dentro das prisões passa a se desenvolver uma forma de administrar corpos, denominada disciplina, que tem como base de estruturação o controle e a submissão.

A disciplina fabrica corpos submissos, exercitados, fortes, aumenta sua aptidão e ao mesmo tempo sua dominação. Uma “microfísica” do poder produz um investimento político e minucioso do corpo, tendendo, desde o século XVII, a cobrir todo o âmbito social (BENELLI, 2004).

O poder disciplinar, portanto, faz valer o poder de análise, investindo no corpo não como força natural, mas como potência à individuação e formatação a um modelo útil e obediente. O corpo (humano ou social) é deixado de ser massa compacta, e torna-se uma heterogeneidade (de gestos ou indivíduos), através de dispositivos analíticos e combinatórios (MORAES; NASCIMENTO, 2002). Um saber sobre o corpo que corresponde ao seu controle e não sobre o seu funcionamento.

Caracterizado pelo êxito, a disciplina se articula inicialmente dentro das prisões, a marca foi o fato de os espaços físicos terem enorme importância, pois nesse contexto passa a notabilizar as instituições

disciplinares. Com isso constituindo uma sociedade disciplinar (FOCAULT, 1999).

Corroborando com Benelli(2004), uma designação importante seria que a sociedade disciplinar passa a ter uma vigilância hierárquica, baseado na submissão, salientando que o foco era maior em corpos rebeldes, exemplo seria o gerente sobre seus funcionários, ou o proprietário sobre o inquilino, um sistema de coação onde todos estão sendo observados, cargos hierárquicos irão definir o padrão normativo para a sociedade, uma vez entendendo que a base da sociedade seria as instituições disciplinares como uma escola, um hospital. Pois a disciplina expressava seu domínio expandindo seus horizontes.

Todos os que não se enquadram nesse modelo devem, em última análise, ser desqualificados, tomados com suspeição, observados e vigiados com o máximo de atenção. Esse modelo e suas normas correlatas ultrapassam as fronteiras das instituições e começam a se tornar objeto de lei (MORAES; NASCIMENTO, 2002).

Salientando que baseado em Foucault (1999), nesse sistema disciplinar o corpo é o intermédio de ações políticas, disseminado não com sua subjetividade, mas uma análise macroscópica, definido como um corpo social, havendo uma relação de poder e saber, pois a disciplina produz o saber e as instituições disciplinares produzem o poder, controlando corpos e mantendo-os submissos.

Rebello (2011) afirma que constitui-se uma genealogia histórica política e física, estabelecida visando o poder, ao perceber a supremacia a realeza decide expandir o movimento para aprimorar seu domínio e dar uma característica estatal, a “evolução” tem como nome biopolítica. Uma estratégia política sobre o corpo, como parâmetros de controle e estipulando padrões.



### **3 A BIOPOLÍTICA DA SAÚDE NA FORMAÇÃO DO CORPO**

Do século XVIII ao século XX foi adotado um mecanismo de governo que buscava um poder sobre a vida, a elevação de um suposto padrão genético de um corpo para com a sociedade, manipulando-os em favor do Estado como forma de poder (ORTEGA, 2003).

O movimento denominado biopolítica visava garantir a superioridade da sociedade e cada indivíduo, sendo controlado, com intuito de fortalecer o poder de governo do Estado sobre a população, sendo a própria propulsora e submetida ao regime denominado biopolítica (FOCAULT, 2011), neste período onde surge uma forma de adestrar e condicionar o corpo moldando uma sociedade homogênea, onde não existe espaço para diferenças entre padrão corporal.

A manifestação de controle como parâmetros para biopolítica, classificado de biopoder, servia para atender e manipular a população em torno do que este tipo de sistema determina, definindo estereótipos, restringindo escolhas e determinando o caminho a se seguir (ORTEGA, 2003).

O biopoder recobre historicamente uma outra economia de poder antecedente, que estava centrada no poder de causar a morte ou deixar viver (PRADO; TRISOTTO, 2008).

Em uma visão semelhante a Michael Foucault esse marco da modernidade seria a biopolítica em atuação com suas características. Nesse momento não há espaço para as diferenças, não se tem espaço para o que é novo e sim um modelo rígido e direto visando uma espécie.

“Como resposta à revolta do corpo, encontramos um novo investimento que não tem mais a forma de controle e repressão, mas de

controle e estimulação: Fique nú, mas seja magro, bonito e bronzeado” (FOCAULT 2011, p. 147)

Essa ênfase dada à sexualidade, nada mais é do que uma estratégia de governo impondo e caracterizando um governo bem invasivo, um modelo adotado sobre a sociedade através de valores morais.

O que caracteriza a vida nua e sem consequência política é o aneulogou (sem logos), uma vida sem significação alguma, uma vida que se esgota no próprio fato da sobrevivência, na sua característica única de “ser vivo” (ARENDR, 1993 apud CAPONI, 2004).

Mesmo encontrando bloqueios o sistema biopolítico aceitando o que está ocorrendo, tendo corpos rebeldes que não representam a queda da biopolítica, mas sim uma falha, uma resistência da população perante o governo representando a revolta do corpo sobre o direito à vida.

A população apresentava uma resistência, onde essa nova forma de poder devia se apoiar precisamente naquilo que ele investiu, isto é, na vida mesma: “A vida como objeto político foi de certa maneira tomada ao pé da letra e voltada contra o sistema que pretendia controlá-la” (FOCAULT 1976, p.191 apud ORTEGA, 2003).

A resistência se encontra no mesmo sentido da política, pois, a partir do momento em que tem o discurso do “poder a vida”, não se pode interferir na sexualidade dos corpos, que por sua vez representavam a vida, com isso o grande impasse era no próprio poder a vida, sendo ele a pergunta e resposta.

Por volta do século XVIII crescem as lutas diante da biopolítica, reivindicando mediante uma falha do sistema, buscando o direito à vida

que lhes são ofertados. A crítica da população se fazia ao poder do corpo: cobrava-se saúde, higiene, felicidade (ORTEGA, 2003).

Sendo assim a meta dos grupos biopolíticos que em tese são apolíticos seria ter uma saúde notável, tendo conotação moral (ORTEGA, 2003).

Agamben (2002 apud CAPONI, 2004) sinaliza para o excesso de cuidado com o corpo adquirido no século XX, essa preocupação demasiada com a saúde perfeita conhecida como tanapolítica, uma tendência que tem como objetivo o exagero em busca da saúde expresso em corpos.

Moral do bem-comer (sem colesterol), beber um pouco (vinho tinto para as artérias), ter práticas sexuais de parceiro único (perigo de AIDS), respeitar permanentemente sua própria segurança e a do vizinho (nada de fumo). Trata-se de restaurar a moralidade plugando-a de novo no corpo. O controle sobre o corpo não é um assunto técnico, mas político e moral (SFEZ, 1996 apud ORTEGA, 2003).

À medida que se tem o valor moral e também se trata de uma manifestação inconsequentemente nasce o culto ao corpo, o alvo de investigação desse estudo.

A repolitização da saúde possibilitou a criação de uma forma de sociabilidade apolítica, que chamaremos de biossociabilidade, para distinguir da biopolítica estatal clássica, constituída por grupos de interesses privados, não mais reunidos segundo padrões tradicionais de agrupamento como classe, estamento, orientação política, mas conforme critérios de saúde, desempenho físico, doenças específicas, longevidade etc (ORTEGA, 2003).

Os discursos do bem-estar, do consumo e da saúde confundem-se. Para melhorar o corpo, para dominar os males que o atingem e para

tê-lo saudável basta consumir. A saúde como estilo, o corpo como objeto de intervenção (MAGALHÃES; SABATINE, 2011).

O corpo passa a ser ancorado sobre uma condição de saúde a qualquer custo, preservação da vida como parâmetros de controle..

O que alguns autores denominaram de “healthism” ou “bodyism”, e que pode ser traduzido como a ideologia ou a moralidade da saúde e do corpo perfeito, exprime essa tendência. Healthism é a ideologia, a forma que a medicalização adquire na biossociabilidade (ORTEGA, 2003).

Uma ideologia baseada na perfeição do corpo, buscando a perfeição da forma física que se originou em um pensamento de saúde, marcado pela autonomia, pela independência do corpo, onde esse movimento se faz com grande presença nos dias atuais, como culto ao corpo.

#### **4 CORPO, MIDIA E SUBJETIVIDADE**

Com início voltado para a saúde, estudar o corpo se torna interessante compreender o papel assumido nos dias atuais e a forma de disseminação via mídia, em busca de aceitação social, e estruturados sobre um padrão físico estipulado. Sendo alvo de investigação do estudo, entender o culto ao corpo sobre um olhar filosófico, político na sociedade moderna.

A sociedade contemporânea está amplamente marcada pela globalização e a sua lógica de mercado. De acordo com, a globalização é um movimento que acaba por transformar os espaços locais, e que, ao alterar a vida cotidiana dos indivíduos, acaba por gerar uma alteração na existência do sujeito (GIDDENS 1991 apudVASCONCELOS et al., 2004).

A globalização gera uma nova concepção de hábitos do cotidiano, uma nova representação do mundo.

Guimarães e Sousa (2003) salientam ao fato de que essa figura de contemporaneidade da sociedade se estrutura sobre relação de divulgação de produtos via mídia como um padrão permeando assim uma interação social.

Para Iriart (2009) a mídia assume grande importância na sociedade moderna, pois em tese acaba por disseminar um padrão físico socialmente aceito.

A mídia encontrou no “corpo perfeito” o discurso ideal para a difusão dos produtos e dos serviços de beleza, como os cosméticos, os moderadores de apetite, as cirurgias plásticas, as clínicas de estéticas e academias esportivas, entre outros (GARRINI, 2007).

A imagem veiculada pela mídia usa corpos de homens e mulheres esculturais para vender através de anúncios publicitários. “Músculos perfeitos” impulsionando seres perfeitos a vender produtos perfeitos (RUSSO, 2005).

Ainda baseado nas análise de Russo (2005) ao disseminar esse padrão físico socialmente aceito constitui se uma imagem corporal, mas não de maneira individual e em uma conotação social, baseado no perfil físico da sociedade.

Segundo Secchi et al. (2009) afirmam que a imagem corporal é a maneira que o sujeito se enxerga e como a sociedade o vê, um emaranhado baseado na corrente da psicologia da auto percepção.

Bruno e Pedro (2004) de acordo com a imagem corporal reproduzida pela mídia há um padrão normativo e a sociedade enxerga apenas esse padrão, baseados no espetáculo da vigilância e da visibilidade dentro das instituições disciplinares, fomentando que o poder

disciplinar tem ligação ao contexto à medida que há instituições disciplinares, sendo assim passando a definir o padrão normalizador físico e a subjetividade de acordo com o corpo estipulado.

Ainda com Bruno e Pedro (2004), definem como espetáculo contemporâneo da modernidade a globalização e a ação da mídia sobre sociedade que traz como característica a subjetividade na modernidade.

Costa Roza e Benelli (2003) assinalam para o fato de que são dentro das instituições disciplinares que é desenvolvida a subjetividade correspondendo ao objetivo próprio de cada instituição, produzindo um sujeito ou um corpo a nível social, que seguem o padrão estipulado pela mídia e sociedade.

Em todo o mundo a disciplina passa a ser o modelo de funcionamento geral da sociedade e a produção de indivíduos em série se torna o padrão e a norma de produção de subjetividade. (MORAES; NASCIMENTO, 2002).

Acompanha-se mudanças nas relações estabelecidas entre adultos e crianças, bem como o surgimento de uma nova produção da subjetividade em função da organização do cotidiano pela mídia e o modo como a experiência das crianças, dos jovens e dos adultos vem se transformando na sociedade de consumo (GUIMARÃES; SOUSA, 2003).

Considera-se a subjetividade como uma produção eminentemente social e, portanto, coletiva. No contexto institucional, ela é produzida na intersecção das práticas discursivas (imaginárias e simbólicas) e das práticas não-discursivas (BENELLI, 2004).

Para Costa Roza e Benelli (2003) a subjetividade corresponde a toda individualidade característica de cada corpo de cada pessoa, sendo

produzida socialmente durante o cotidiano, interferindo na maneira de como o sujeito é formado e como se define.

De acordo com Andrade e Bosi (2003 apud VASCONCELOS et al., 2004) nos tempos modernos há o desenvolvimento da subjetividade de maneira bem acentuada, com essa expansão se perde a individualidade toda cultura, o corpo passa a ser visto como um corpo social.

Bourdieu (1997 apud VASCONCELOS et al., 2004) apresenta uma ajuda com seus estudos, pois onde afirma que a contribuição que a mídia fornece ao trabalhar a busca pelo inédito, com isso acaba por gerar homogeneidade em seus produtos, conseqüentemente irá gerar uma homogeneidade em corpos, diminuindo toda subjetividade.

Foucault (2009) nos os fornece uma suscita contribuição onde passa se a entender que a sociedade constitui se de instituições disciplinares, dentro de cada local é caracterizado pela vigilância hierárquica, onde se formam sujeitos é retirada toda subjetividade corroborando com um padrão físico determinado.

A mídia apenas tem a função de difundir o corpo socialmente aceito descaracterizando ou retirando toda a subjetividade do corpo ao lançar lo em meios de comunicação em geral, então os mecanismos sociais como as instituições disciplinares, a disciplina vem a parear executando a função de extrair a subjetividade de corpos e determinar o que será aceito socialmente ou não.

Num jogo de continuidades/descontinuidades em relação a esses dois modelos constitutivos das relações entre visibilidade e subjetividade, o espetáculo panóptico e o espetáculo midiático propõem o espetáculo do comum como um modo próprio de exposição de si na atualidade (BRUNO; PEDRO, 2004). Essa busca em aceitação social, a

prática de busca desse corpo pra ser aceito tem o nome de culto ao corpo.

Culto ao corpo é a representação sobre a busca incessante do indivíduo em torno de um padrão corporal estipulado, visando status e aceitação mediante seu corpo segundo (CASTRO, 2004).

A “imagem do corpo ideal é acompanhada de conotações simbólicas de sucesso, autocontrole, autodisciplina, liberação sexual, classe e competência. O fracasso em atingir este ideal passa a ser equacionado com falta de força de vontade, preguiça e fraqueza” (MORGAN; AZEVEDO, 1998, p.89 apud VASCONCELOS et al., 2004).

O corpo passa a ter um papel fundamental nos processos de aquisição de identidade e de socialização. Hoje, tudo parece fazer parte das interpretações subjetivas da aparência do outro (GARRINI, 2007).

Corroborando com Russo (2005) o homem não tem nenhuma autonomia sobre seu corpo e vive em busca de uma constante aprovação social.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Baseado em toda temática que envolve assunto relacionado ao corpo, desenvolver discussões a respeito do corpo.

A importância da compreensão de todo o momento histórico político que foi relatado durante esse trabalho e como afetou o corpo físico. O corpo se sente inexplicavelmente ligado ao indivíduo, partindo da concepção que o corpo se expressa em sentido físico, psicológico e espiritual, tanto é que as punições trocam o foco do corpo físico para o psicológico.



A política envolve-se com o corpo de uma forma bem real, ao tecer comentários sobre essa relação de política e corpo tem uma forma de monitoramento de controle das forças sobre o corpo. A grande inovação seria o conceito de ter poder sobre corpos sem a necessidade de tocá-los. Posteriormente passando a articular-se por um método de controle que tinham características presas a espaços físicos com o nome de disciplina, os locais físicos recebiam o nome de instituições disciplinares. A disciplina representa um saber sobre o corpo, com isso há o crescimento de uma sociedade disciplinar.

Há de se compreender as relações saber e poder, pois a disciplina gera o saber e as instituições disciplinares geram o poder. Se atendo a continuidade histórica surge a biopolítica uma nova concepção política que visa a eugenia caracterizada por poder a vida, e também uma relação bem invasiva. Com uma resistência justamente na saúde cresce o conceito de culto ao corpo.

Na modernidade com efeitos da globalização o corpo passa a ser evidenciado com a mídia e suas propagandas, atualmente se nota a variedade de anúncios e de produtos em torno do corpo. Nesses anúncios expressa-se todo sucesso, bem estar, felicidade construída sobre corpos socialmente aceitos.

Ancorados que as instituições disciplinares tinham a função de retirar a subjetividade dos corpos fazendo um trabalho de mecanismo social tornando o corpo mais dócil.

Uma característica importante desse período moderno seria a mídia e a disseminação de seus produtos, pois em seus anúncios a mídia gera um padrão socialmente aceito, uma vez entendendo que ao gerar um padrão tem-se uma imagem corporal.

Ao se falar da mídia, TV, internet, revistas, expressa explicitamente em propagandas, e anúncios um estereótipo corporal aceito que atende a interesses capitais, ela apenas expressa o padrão aceito sem respeitar a individualidade, desmembrando toda subjetividade que cada corpo assume então justamente aqueles que não se enquadram nessa imagem corporal não são aceitos socialmente.

Mostrando então que o corpo nos dias atuais não tem nenhuma autonomia na perspectiva histórico político, e busca constantemente ser aceito, onde se conclui que não vive hoje sua vontade em seu corpo e sim uma submissão para ser aceito socialmente.

## REFERÊNCIAS

BASQUES, M. In: ESSIAS. O DNA francês: biossociabilidade e politização da vida. **Scientiae Studia** 5.3 (2007): 399-405. Disponível em:

[https://scholar.google.com.br/scholar?q=o+dna+frances+basques&btnG=&hl=pt-BR&as\\_sdt=0%2C5PB%20\(3\).pdf](https://scholar.google.com.br/scholar?q=o+dna+frances+basques&btnG=&hl=pt-BR&as_sdt=0%2C5PB%20(3).pdf) acesso 02\05\2014.

BENELLI, S. J. A instituição total como agência de produção de subjetividade na sociedade disciplinar. **Estudos de psicologia**, v. 21, n. 3, p. 237-252, 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/estpsi/v21n3/v21n3a08>, acesso: 29\05\2015

BENELLI, S. J.; COSTA-ROSA, A. da. Geografia do poder em Goffman: vigilância e resistência, dominação e produção de subjetividade no hospital psiquiátrico. **Estudos de Psicologia**, v. 20, n. 2, p. 35-49, 2003. Disponível em:

<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-166X2003000200004&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2003000200004&lng=en&nrm=iso)>. Acesso: 30\04\2015

BRUNO, F.; PEDRO, R. Entre aparecer e ser: tecnologia, espetáculo e subjetividade contemporânea. **Intexto**, n. 11, 2004. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2005/errata/RosaPedroFernandaBruno.pdf> .Acesso: 25\04\2015

CAMPO, C. e S., Solange, Subjetividade. "Mídia, Cultura do Consumo e Constituição da Subjetividade na Infância1." **Psicologia Ciência E Profissão** 23.1 (2003): 12-21. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-98932003000100003&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-98932003000100003&script=sci_arttext). Acesso: 25\04\2015

CAPONI, S. "A biopolítica da população e a experimentação com seres humanos." **Cienc Saúde Coletiva** 9 (2004): 445-55. Disponível em: <http://www.scielosp.org/pdf/csc/v9n2/20398.pdf>, acesso 02\05\14

CASTRO, A. L. "Culto ao corpo: identidades e estilos de vida." (2005). Disponível em: [https://scholar.google.com.br/scholar?q=culto+ao+corpo+identidade+e+estilos+de+vida&btnG=&hl=pt-BR&as\\_sdt=0%2C5](https://scholar.google.com.br/scholar?q=culto+ao+corpo+identidade+e+estilos+de+vida&btnG=&hl=pt-BR&as_sdt=0%2C5), Acesso: 10\10\2014

DUARTE, A. de M. Hannah Arendt e a modernidade: esquecimento e redescoberta da política. *Trans/form/ação*, v. 24, p. 249-272, 2001. Disponível em:  
[http://works.bepress.com/cgi/viewcontent.cgi?article=1012&context=andre\\_duarte](http://works.bepress.com/cgi/viewcontent.cgi?article=1012&context=andre_duarte), acesso 01\05\2014.

FOUCAULT MI. **Vigiar e punir**; Edição 27, Editora Vozes, Rio de Janeiro, 1999.

FOUCAULT M. **Microfísica do Poder**; Edição 3, Editora Graal; Rio de Janeiro, 2009.

GARRINI, S. P. F. "Do corpo desmedido ao corpo ultramedido. Reflexões sobre o corpo feminino e suas significações na mídia impressa." Congresso Nacional de História da Mídia. Vol. 5. 200 Disponível em:  
<http://www.intercom.org.br/papers/outros/hmidia2007/resumos/R0037-1.pdf>, acesso 02\11\2013.

IRIART, J. A. B.; CHAVES, J. C.; DE ORLEANS, R. G. Culto ao corpo e uso de anabolizantes entre praticantes de musculação Body cult and use of anabolic steroids by bodybuilders. **Cad. saúde pública**, v. 25, n. 4, p. 773-782, 2009. Disponível em:  
[https://scholar.google.com.br/scholar?q=+IRIART+ET+AL%2C+2009%29.&btnG=&hl=pt-BR&as\\_sdt=0%2C5](https://scholar.google.com.br/scholar?q=+IRIART+ET+AL%2C+2009%29.&btnG=&hl=pt-BR&as_sdt=0%2C5), Acesso: 01\07\2014

MORAES, Thiago D.; NASCIMENTO, ML do. Da norma ao risco: transformações na produção de subjetividades contemporâneas. *Psicologia em estudo*, v. 7, n. 1, p. 91-102, 2002. Disponível em:  
<http://piwik.seer.fclar.unesp.br/perspectivas/article/viewFile/524/449>, acesso: 20\04\2015

ORTEGA, F. The biopolitics of health: reflections on Michel Foucault, Agnes Heller e Hannah Arendt. **Interface-Comunicação, Saúde, Educação**, v. 8, n. 14, p. 9-20, 2004. Disponível em:  
<http://www.scielo.br/pdf/icse/v8n14/v8n14a01.pdf>, acesso: 02\11\2013.

PRADO FILHO, K.; TRISOTTO, S. O corpo problematizado de uma perspectiva histórico-política. **PsicolEstud**, v. 13, n. 1, p. 115-121,

2008. Disponível em :<http://www.scielo.br/pdf/pe/v13n1/v13n1a13.pdf>, acesso: 03\04\2015

REBELLO, H., C. Jr (Ed.). **Michel Foucault: sexualidade, corpo e direito.** Cultura acadêmica ed., 2011. Disponível em: [https://www.marilia.unesp.br/Home/Publicacoes/foucault\\_book.pdf](https://www.marilia.unesp.br/Home/Publicacoes/foucault_book.pdf), Acesso: 10\03\2015

RUSSO, R. Imagem corporal: construção através da cultura do belo. **Movimento & Percepção**, v. 5, n. 6, p. 80-90, 2005. Disponível em: <https://portalsaudebrasil.com/artigospsb/psico029.pdf> acesso 03\03\2014

SOUZA, L. A. .; SABATINE, T. T.; DE MAGALHÃES, B. R. (Ed.). **Michel Foucault: sexualidade, corpo e direito.** Cultura acadêmica ed., 2011. Disponível em: [https://scholar.google.com.br/scholar?q=MAGALH%C3%83ES%2C+SABATINE%2C+2011&btnG=&hl=pt-BR&as\\_sdt=0%2C5](https://scholar.google.com.br/scholar?q=MAGALH%C3%83ES%2C+SABATINE%2C+2011&btnG=&hl=pt-BR&as_sdt=0%2C5), acesso: 10\03\2015

SECCHI, Faculdades Integradas. Percepção da Imagem Corporal e Representações Sociais do Corpo1. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 25, n. 2, p. 229-236, 2009. Disponível: [https://scholar.google.com.br/scholar?q=Percep%C3%A7%C3%A3o+da+Imagem+Corporal+e+Representa%C3%A7%C3%B5es+Sociais+do+Corpo&btnG=&hl=pt-BR&as\\_sdt=0%2C5](https://scholar.google.com.br/scholar?q=Percep%C3%A7%C3%A3o+da+Imagem+Corporal+e+Representa%C3%A7%C3%B5es+Sociais+do+Corpo&btnG=&hl=pt-BR&as_sdt=0%2C5), acesso: 10\09\2014

VASCONCELOS, N.A. de; SUDO, Iana; Nara. Um peso na alma: o corpo gordo e a mídia. **Revista Mal Estar e Subjetividade**, v. 4, n. 1, p. 65-93, 2004. Disponível em: [https://scholar.google.com.br/scholar?q=Um+peso+na+alma%3A+o+corpo+gordo+e+a+m%C3%ADdia&btnG=&hl=pt-BR&as\\_sdt=0%2C5](https://scholar.google.com.br/scholar?q=Um+peso+na+alma%3A+o+corpo+gordo+e+a+m%C3%ADdia&btnG=&hl=pt-BR&as_sdt=0%2C5) Acesso: 01\05\2015